

CEEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Tribuna (Aparatos)*

Class.: 17255

Data: 01.04.89

Pg.: _____

Uma ameaça aos índios

190



Os índios guaranis da aldeia existente em Itanhaém estão preocupados com a contínua invasão de suas terras pelo homem branco (Pág. 23)

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: a Tribuna (fontes)

Class.: 1748 (orig)

Data: 01.04.84

Pg.: _____



Os índios preocupam-se com o avanço dos bananais na reserva e querem a imediata demarcação das divisas

Índios tentam manter suas terras no Litoral

ITANHAÉM — O cacique guarani Uera Jeguaka denunciou que as divisas da Aldeia do Rio Branco vêm sendo invadidas pelo homem branco com plantações de banana, a exemplo do que vem acontecendo nas demais comunidades indígenas do Litoral Paulista.

De Ubatuba a Itariri diversas aldeias dos guaranis estão com problemas quanto a demarcação de divisas, pois são constantemente violadas por agricultores e, principalmente, pelos que praticam o extrativismo das riquezas naturais. As terras são invadidas pelo homem, que desconhece os limites ou não respeitam mesmo as regiões constitucionalmente garantidas aos índios.

E os problemas do cacique Uera ou José Oliveira dos Santos — seu segundo nome — não são diferentes dos líderes das demais aldeias do nosso litoral. Há 30 anos na região, desde quando começaram a surgir os primeiros agricultores, Uera vive das pequenas plantações, da caça e da venda de palmito colhido na mata.

Na Aldeia do Rio Branco, em Itanhaém, onde vive com um grupo de oito famílias — cerca de 40 pessoas —, Uera sempre teve paz, apesar das dificuldades para sobreviver nas épocas mais difíceis, como no inverno, por exemplo, quando chove muito e as plantações pouco produzem, fazendo com que todos passem fome e frio.

Mas, agora, Uera e sua gente começam a se preocupar com a aproximação dos pés de banana e dos trabalhadores com suas foices e olhares diferentes. "Eles estão entrando por aquele lado", diz o cacique apontando em direção a um morro, onde se pode constatar novas plantações da fruta.

"É preciso que façam uma marcação direito para que todos fiquem sabendo que lá já é terra de índio. Mas acho que eles sabem mesmo", diz Uera.

Quando reclama seus direitos, Uera tem seus motivos. A Aldeia do Rio Branco é uma das mais antigas do Litoral — foi fundada no século passado por antepassados de Uera Jeguaka. E Itanhaém é um dos locais em que os guaranis permanecem por mais tempo, ao contrário de outras aldeias, onde costumam ficar pouco.

GOVERNO PODE AJUDAR

"A área onde está situada a aldeia pertence à Fepasa e acho que foi doada pelo Governo do Estado. Por isso, um entendimento entre as autoridades responsáveis seria fundamental para que a reserva possa ser delimitada". Quem fala é a indigenista Maria Inês Ladeira, há cinco anos e meio trabalhando no setor e que já integrou a equipe do Centro de Trabalho Indigenista — CTI — e hoje atua no grupo de terra da Sudelpa.

Maria Inês lembra também que, uma vez acertados os detalhes entre Fepasa e o Governo, seria necessário ainda um entendimento com a Fundação Nacional do Índio — Funai —, no sentido de se obter o reconhecimento da demarcação, que poderá ser executada pela Sudelpa, como vem sendo feito em Itariri.

"Não adianta fazermos a demarcação e a Funai não reconhecer", diz a indigenista, ressaltando ainda a importância da Aldeia do Rio Branco. "É uma das mais antigas e, por isso, garante a integridade cultural dos guaranis que ainda migram por essa região", explica.

OS ÍNDIOS ACOSSADOS

Em todo o Litoral os guaranis vêm sendo acossados pelo homem branco, que não hesita em invadir suas terras quando a possibilidade de lucro é compensatória. Em Ubatuba, por exemplo, segundo Maria Inês, a própria Prefeitura constrói uma estrada cortando a reserva dos índios.

Em São Sebastião, a Aldeia do Rio Silveiras continua sendo invadida apesar de a área estar *sub-judice*, aguardando procedimento no Fórum do Município. Os advogados Marco Antônio Barbosa, Carla Antunha e o jurista Dalmo Dalari possuem procuração dos guaranis para defenderem na Justiça a posse das terras.

O juiz local recentemente apreendeu, com auxílio da Polícia Florestal, grande quantidade de palmito que era extraído justamente na reserva guarani. Os invasores entraram com recurso e o caso agora está pendente, aguardando vez para ser examinado pelos homens competentes. "No entanto, apesar do processo, tenho recebido denúncias de que a área continua a ser ocupada; em detrimento dos índios, que só querem plantar, fazer artesanato e caçar para comer", diz Maria Inês Ladeira, da Sudelpa.

Em Itariri, uma equipe de topógrafos da Sudelpa realiza levantamento para demarcar a aldeia ali existente. "O melhor método de demarcação consiste na utilização de topógrafos e não de bússolas, como já foi feito em outras aldeias. Tão logo o trabalho termine em Itariri, a equipe poderá ser deslocada para Itanhaém", diz a indigenista acrescentando, porém, que o reconhecimento da Funai é fundamental.

Acima de tudo, costumes e religião

Os costumes e a religião são muito importantes para os índios. Mais do que quaisquer bens materiais que possam receber do homem branco. E é por isso que insistem em garantir a posse das áreas onde vivem, já que necessitam manter um sistema social fechado, protegido dos hábitos da civilização.

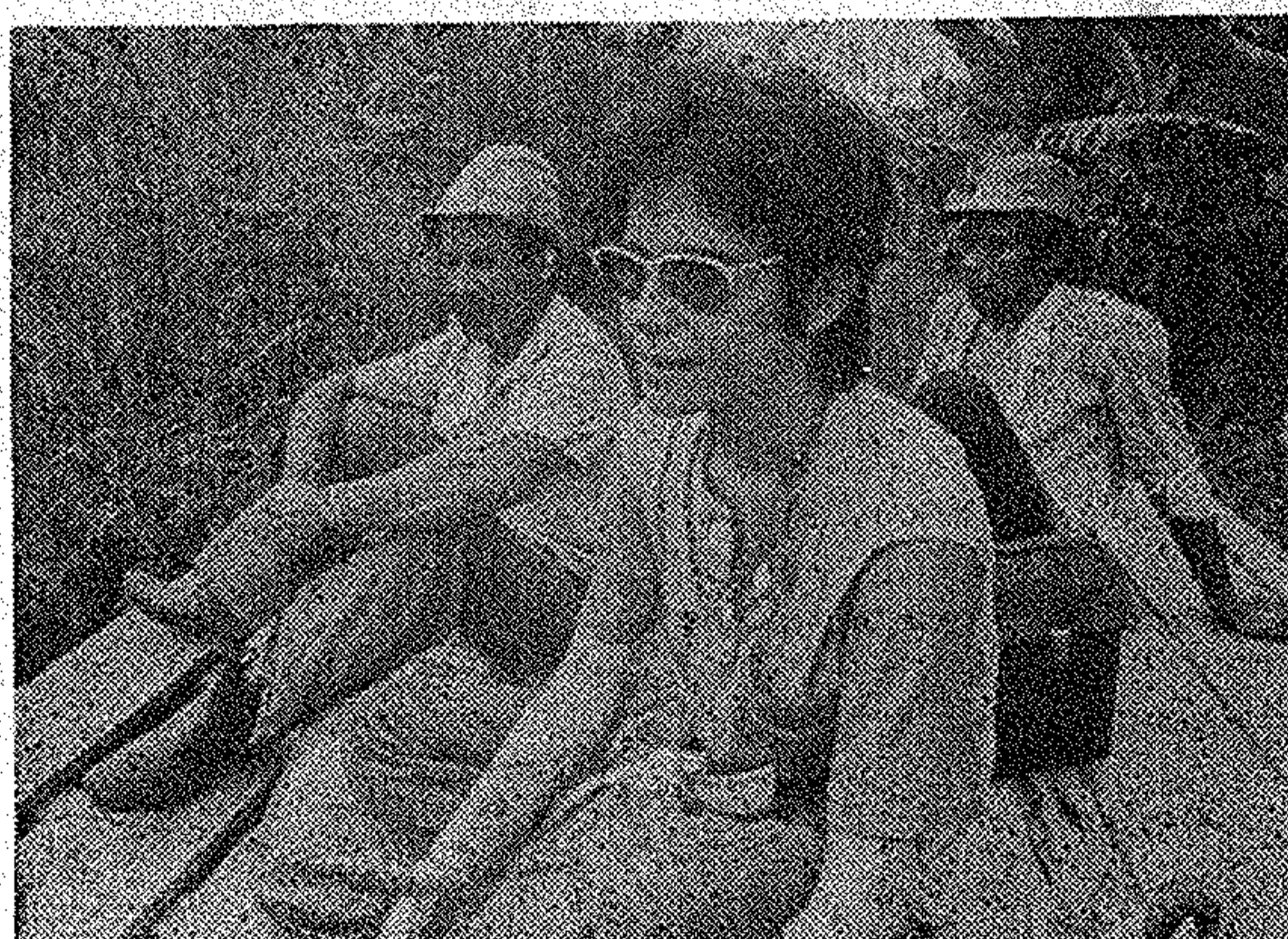
A interferência da Funai e dos sistemas econômicos produtivos que visam à comercialização vem sendo os responsáveis pela crescente migração dos guaranis dos estados do Sul em direção a São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, onde, nos últimos 20 anos, aumentou consideravelmente a população indígena.

"Em Palmeirinha, no Paraná, por exemplo, existia uma grande comunidade indígena. Mas os métodos de trabalho a que foram submetidos acabaram expulsando a todos. Hoje recebemos na Barragem (aldeia situada às margens da Represa Billings, na Capital) índios provenientes do Paraná. E o mesmo acontece em outras aldeias do Sul", diz Maria Inês Ladeira, acrescentando ainda que São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo contam hoje com muito mais índios do que há 20 anos.

E é nesse contexto que se insere a importância da preservação das aldeias já existentes no Litoral. Em reservas como a do Rio Branco, do Bananal, em Peruibe, do Rio Silveiras, em São Sebastião, Ubatuba, Itariri e outros municípios é que os guaranis encontram espaço para construírem moradia, formarem famílias e praticarem suas religiões e costumes.

Um pai guarani poderia, por exemplo, ensinar seus filhos a caçar, manejar o arco e a flecha, a dançar e cantar as canções dos antepassados no meio urbano? "Eles precisam dessas áreas; em outros locais não conseguiriam manter os hábitos que garantem a sobrevivência da nação com dignidade; de outra forma, não poderia ser", enfatiza a indigenista.

Conversando com o cacique Uera ou com sua mulher, Natália, pode-se



A indigenista Maria Inês Ladeira acha fundamental a preservação da aldeia

compreender a importância dos costumes. O respeito à família e à religião é marcante. E na aldeia do Rio Branco os ritos são tão frequentes como em Peruibe ou São Sebastião, quando, semanalmente, todos reúnem-se para dançar e rezar. Fatos tão importantes como comer, caçar e caminhar pelas suas terras.

APOIO DA SUDELPA

A Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista — Sudelpa — iniciou, neste governo, um trabalho de apoio às comunidades indígenas do Litoral do Estado. Contactando aldeias, oferecendo técnicos para demarcação de divisas e doando alimentos e ferramentas para a subsistência dos índios, a autarquia vem alcançando os primeiros resultados.

Quinta-feira um grupo da Sudelpa entregou ao cacique Uera, em Itanhaém, sacos com arroz, feijão, farinha, açúcar, sal e caixas de martelos, machados e facões. São mantimentos

e utensílios que terão grande utilidade na época que se aproxima. O cacique já teme pela produção das lavouras em consequência das chuvas, que acabam comprometendo a colheita. Os materiais de trabalho servirão para o corte de árvores e feitura de artesanato. Na primeira visita à aldeia, a Sudelpa constatou que os índios cortaram troncos inteiros com pequenos facões, um trabalho extremamente sacrificado.

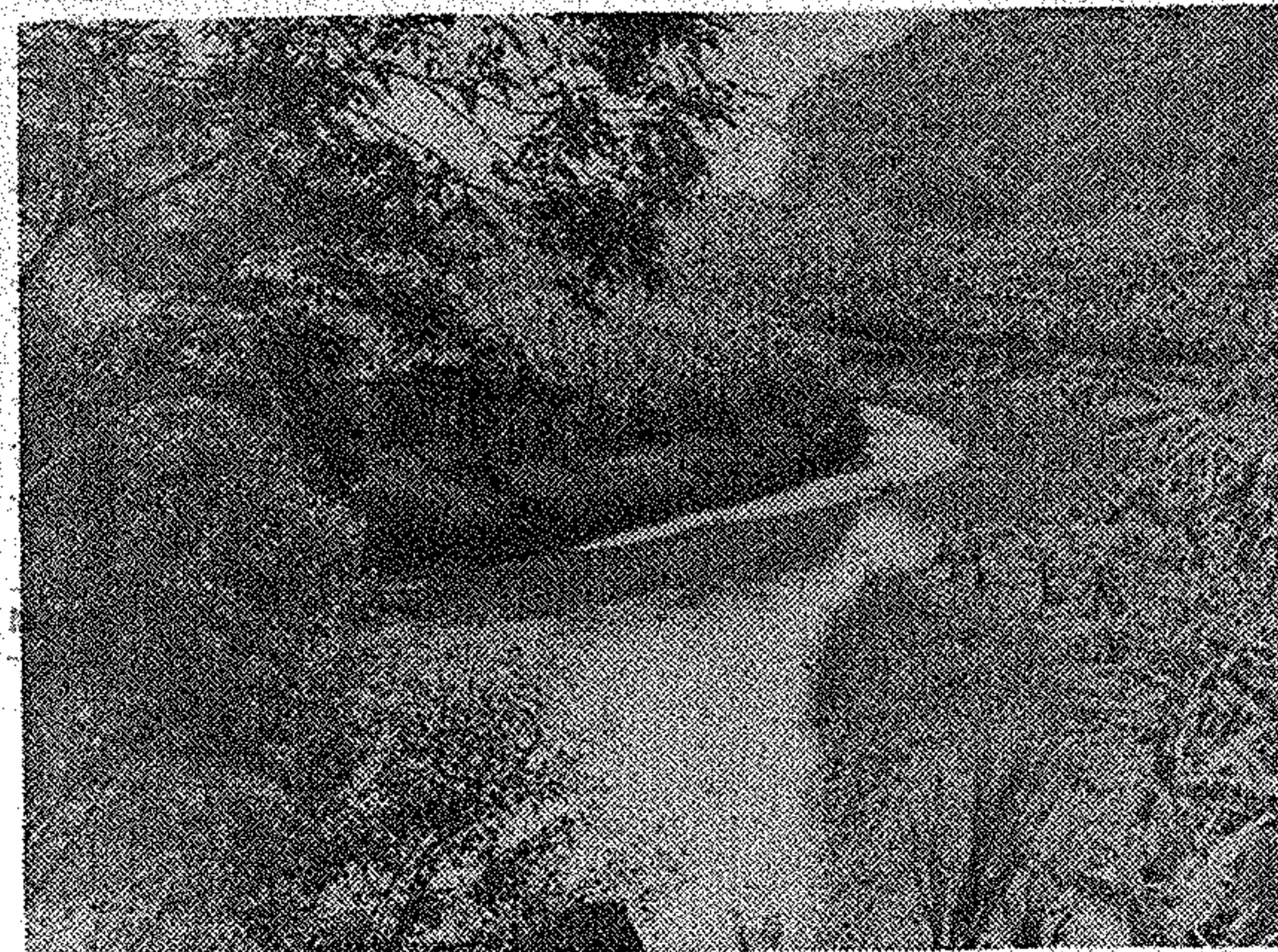
Essa ação consiste em dar apoio à roça e garantir aos índios recursos próprios de sobrevivência, principalmente alimentos e água, que em algumas aldeias está contaminada", diz a indigenista Maria Inês Ladeira.

A SAGA DOS GUARANIS

Desde a presença dos espanhóis nos estados do sul do País, os guaranis passaram a migrar para o norte, em busca de lugares tranquilos para viver, mantendo as tradições. Hoje, ameaçados novamente pelos homens ditos civilizados, os índios continuam sua marcha em direção ao norte. No entanto, encontram mais cercas, mais armas e tratores que derrubam as matas e com elas o *habitat* natural dos animais que os alimentam.

Apesar das dificuldades, a população da nação guarani aumenta no Estado de São Paulo. "É uma riqueza que não se pode destruir. São quase todos parentes e querem apenas lugar para viver", diz Maria Inês Ladeira.

Mas a demarcação das reservas não significará a solução definitiva contra as violências que se praticam contra o índio no Brasil. Faz-se necessária a fiscalização pela Polícia Florestal, subordinada à Secretaria de Agricultura, hoje sob orientação de um governador eleito pelo voto popular. A mesma polícia encarregada de preservar as reservas naturais, os parques ecológicos, a fauna e que, por falta de recursos ou de esclarecimentos, não vem conseguindo atingir a amplitude de seus objetivos básicos.



A pureza das águas do Rio Branco e a floresta natural caracterizam a reserva